

DIÁRIOS do VAMPIRO

Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série Diários de Stefan

Origens
Sede de sangue

Série Diários do Vampiro

Despertar
Confronto
Fúria
Reunião sombria
O retorno — Anoitecer
O retorno — Almas Sombrias
O retorno — Meia-Noite

Série Mundo das Sombras

Vampiro secreto
Filhas da escuridão

Série Círculo Secreto

A iniciação
A prisioneira

Baseado na obra de:
L.J. SMITH

E na série de TV desenvolvida por:
KEVIN WILLIAMSON & JULIE PLEC

DIÁRIOS do VAMPIRO

DIÁRIOS DE STEFAN

2

Sede de Sangue

Tradução de Ryta Vinagre


G A L E R I A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Smith, L. J. (Lisa J.)
S649s Sede de sangue / L. J. Smith; tradução Rytta Vinagre. – Rio
de Janeiro: Galera Record, 2012.
(Diários de Stefan; 2)

Tradução de: The Stefan Diaries: Bloodlust
Sequência de: Diários de Stefan: origens
ISBN 978-85-01-09263-2

1. Literatura americana. I. Vinagre, Rytta. II. Título.
III. Série.

12-4568

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original em inglês:
The Stefan Diaries: Bloodlust

Copyright © 2011 by Alloy Entertainment and L. J. Smith

Publicado mediante acordo com a Rights People, London.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou
em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo: Abreu's System

Texto revisado pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-09263-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



“É agora a hora encantada da noite
Quando bocejam os cemitérios e o inferno
Exala a peste neste mundo.
Agora poderia eu beber sangue quente
E realizar assuntos amargos
Que fariam tremer o dia.”

— *Hamlet*, William Shakespeare



Prólogo

Os poetas e filósofos que eu amava estavam errados. A morte não vem para todos, nem o passar do tempo esmorece nossas lembranças e reduz nossos corpos a pó. Porque enquanto me consideravam morto e uma lápide com meu nome era cravada no chão frio para simbolizar meu fim terreno, na verdade, minha vida estava apenas começando. Era como se eu tivesse dormido por todos aqueles anos, repousando na escuridão da noite, somente para despertar para um mundo mais brilhante, mais selvagem e mais emocionante do que jamais imaginei.

Os humanos que eu conhecia seguiam suas vidas, como eu no passado, vivendo dias finitos em idas ao mercado, cultivo dos campos e beijos roubados secretos quando o sol se punha. Agora, eram meramente sombras para mim, não mais significativos do que os esquilos e coelhos assustados que correm pela floresta, sem muita consciência do mundo que os cerca.

Mas eu não era uma sombra. Era sólido — e imune a seus piores temores. Conquistei a morte. Não era um visitante fugaz no mundo. Era seu senhor, e tinha toda a eternidade para curvá-lo à minha vontade...



Era outubro. As árvores do cemitério ganharam um tom marrom de decomposição e uma brisa fria assoviava, tomando o lugar do calor sufocante do verão na Virgínia. Não que eu o sentisse muito. Como vampiro, meu corpo só registrava a temperatura de minha próxima vítima, aquecido pela expectativa daquele sangue quente correndo em minhas veias.

Minha próxima vítima estava a apenas alguns passos de mim: uma garota de cabelos castanhos que então escalava a cerca da propriedade dos Hartnett, vizinha ao cemitério.

— Clementine Haverford, o que está fazendo fora da cama tão tarde? — Meu comportamento brincalhão estava em desacordo com a sede abrasadora e pesada que me tomava. Clementine não devia estar aqui, mas Matt Hartnett sempre fora carinhoso com ela. E, embora Clementine estivesse noiva de Randall Haverford, seu primo de Charleston, era evidente que o sentimento era mútuo. Ela já estava em um jogo perigoso, mas não sabia que ele estava prestes a se tornar mortal.

Clementine semicerrou os olhos no escuro. Pelas pálpebras pesadas e os dentes manchados de vinho, pude perceber que ela havia tido uma longa noite.

— Stefan Salvatore? — ofegou ela. — Mas você está morto.

Dei um passo na direção dela.

— Estou mesmo?

— Sim, fui ao seu enterro. — Ela tombou a cabeça para o lado. Mas não parecia tão preocupada. Era praticamente uma

sonâmbula inebriada de vinho e beijos roubados. — Estou sonhando?

— Não, não é um sonho — falei com a voz rouca.

Peguei-a pelos ombros e a puxei para perto. Ela se inclinou sobre meu peito, e o tambor alto das batidas de seu coração encheu meus ouvidos. Ela cheirava a jasmim, como no verão passado, quando minha mão roçou o corpete do vestido enquanto fazíamos um dos jogos de beijos de Damon sob a ponte Wickery.

Passei um dedo em seu rosto. Clementine foi minha primeira paixão, e eu sempre me perguntava como me sentiria ao segurá-la assim. Encostei os lábios em seu ouvido.

— Sou mais como um pesadelo.

Antes que Clementine pudesse soltar algum ruído, cravei os dentes diretamente na jugular dela, suspirando quando o primeiro jato atingiu minha boca. Ao contrário do que sua imagem sugeria, o sangue de Clementine não era tão doce quanto eu imaginara. Tinha gosto de fumaça e era amargo, como café queimado num fogão quente. Ainda assim, bebi intensamente, drenando-a toda, até que ela parou de gemer e sua pulsação se reduziu a um sussurro. Ela ficou frouxa em meus braços e o fogo que ardia em minhas veias e em meu estômago se apagou.

Por toda a semana cacei segundo minha vontade, tendo descoberto que meu corpo exigia duas refeições por dia. Geralmente, eu só ficava ouvindo o fluido vital correndo pelos corpos dos moradores de Mystic Falls, fascinado pela facilidade com que eu podia tirá-lo se quisesse. Quando atacava, era com muito cuidado, alimentando-me de hóspedes do pensionato ou pegando um dos soldados perto de Leestown. Clementine seria a primeira vítima que já tinha sido minha amiga — a primeira vítima de que o povo de Mystic Falls sentiria falta.

Soltando os dentes de seu pescoço, lambi os lábios, deixando minha língua saborear o ponto de sangue fresco no canto da boca. Depois arrastei-a para fora do cemitério, voltando à pedrei-

ra onde eu morava com meu irmão, Damon, desde que havíamos sido transformados.

O sol deslizava pelo horizonte e Damon estava preguiçosamente sentado à beira d'água, vislumbrando suas profundezas como se elas contivessem o segredo do universo. Ele tinha estado assim todos os dias desde que despertamos como vampiros, sete dias antes, lamentando a perda de Katherine, a vampira que nos transformou no que somos agora. Embora tenha me tornado uma criatura poderosa, celebrei a morte dela, ao contrário de meu irmão. Ela me fez de bobo, e sua lembrança me recordava de como um dia fui vulnerável.

Enquanto eu observava Damon, Clementine gemeu em meus braços, um olho se abrindo, vacilante. Se não fosse pelo sangue pingando da gola de renda de seu amassado vestido de tule azul, pareceria apenas estar dormindo.

— Shhhhh — murmurei, colocando alguns fios soltos de cabelo atrás de sua orelha.

Uma voz em algum lugar da minha mente me disse que eu devia sentir remorso por tirar sua vida, mas não senti nada. Em vez disso, ajeitei-a nos braços, jogando-a por sobre o ombro como se fosse um simples saco de aveia, e me aproximei da beira d'água.

— Irmão. — De forma cerimoniosa, baixei a seus pés o corpo quase sem vida de Clementine.

Damon balançou a cabeça e disse:

— Não. — Seus lábios tinham uma textura branca de giz. Vasos sanguíneos se torciam escuros em seu rosto; pareciam rachaduras em mármore. À luz fraca da manhã, ele parecia uma das estátuas quebradas do cemitério.

— Você precisa beber! — falei rispidamente, empurrando-o para baixo e me surpreendendo com minha força. Suas narinas inflaram. Mas assim como acontecia comigo, o cheiro do sangue era inebriante para seu corpo fraco, e logo os seus lábios encontraram a pele dela, apesar dos protestos. Ele começou a beber,

primeiro lentamente, depois sorvendo o líquido como um cavalo desesperado por água.

— Por que continua me obrigando a fazer isso? — perguntou ele num tom queixoso, limpando a boca com as costas da mão e estremecendo.

— Precisa recuperar sua força. — Cutuquei Clementine com o bico de minha bota suja de terra. Ela gemeu baixinho, ainda viva de alguma maneira. Por ora, pelo menos. Mas sua vida estava em minhas mãos. Esta percepção me emocionou, como se todo meu ser estivesse em chamas. Isto: a caçada, as conquistas, a recompensa da sonolência agradável que sempre se seguia à alimentação... revelava a eternidade diante de nós como uma aventura interminável. Por que Damon não compreendia?

— Não é força. É fraqueza — sibilou Damon, levantando-se. — É o inferno na terra e não pode haver nada pior.

— Nada? Preferia estar morto, como papai? — Balancei a cabeça, incrédulo. — Você tem uma segunda chance.

— Nunca pedi por ela — disse Damon, sério. — Jamais pedi por nada disso. Tudo o que eu queria era *Katherine*. Ela se foi, então mate-me agora e acabe com isso. — Damon me entregou um galho irregular de carvalho. — Aqui — disse ele, de braços abertos, expondo o peito. Apenas um golpe em seu coração e ele teria seu desejo realizado.

As lembranças lampejaram por minha mente: Katherine, os cachos macios e escuros, as presas brilhantes ao luar, a cabeça arqueada para trás antes de morder meu pescoço, seu sempre presente pingente de lápis-lazúli que se acomodava na cavidade do pescoço. Agora eu entendia por que ela matou minha noiva, Rosalyn, por que coagira a mim e a Damon, por que usava a beleza e o semblante inocente para convencer as pessoas a confiarem nela, a protegerem-na. Era de sua natureza. E agora era da nossa. Mas em vez de aceitar isso como uma dádiva, da maneira como eu fazia, Damon parecia considerar uma maldição.

Quebrei o galho no joelho e atirei as lascas no rio.

— Não — falei. Embora eu jamais admitisse em voz alta, assustava-me a ideia de viver para sempre sem um amigo no mundo. Queria que Damon e eu aprendêssemos a ser vampiros juntos.

— Não? — repetiu Damon, os olhos se abrindo de repente. — É homem suficiente para assassinar uma antiga paixão, mas não seu irmão? — Ele me atirou no chão. Surgiu sobre mim com as presas à mostra, então cuspiu em meu pescoço.

— Não se coloque numa situação constrangedora — falei, levantando-me. Ele era forte, mas eu era mais, graças à alimentação regular. — E não se engane pensando que Katherine o amava — rosnei. — Ela amava o Poder que tinha, amava o que podia nos obrigar a fazer por ela. Mas nunca nos amou.

Os olhos de Damon ardiam. Ele correu em minha direção com a velocidade de um cavalo em galope. O ombro, duro como pedra, bateu em mim, atirando-me contra uma árvore. O tronco se partiu com um estalo alto.

— Ela *me* amava.

— Então por que me transformou também? — provoqueei-o, rolando o corpo e me levantando para repelir seu golpe seguinte.

As palavras tiveram o efeito desejado. Os ombros de Damon arriaram e ele cambaleou para trás.

— Muito bem. Farei isso sozinho — murmurou ele, pegando outro galho e correndo a ponta afiada pelo peito.

Arranquei a estaca da mão de Damon e torci seus braços para trás.

— Você é meu irmão... Minha carne e meu sangue. Enquanto eu permanecer vivo, você também ficará. Agora vamos. — Empurrei-o para o bosque.

— Vamos aonde? — perguntou Damon com indiferença, permitindo que eu o arrastasse.

— Ao cemitério — respondi. — Temos um enterro para ir.

Os olhos de Damon demonstraram uma fraca centelha de interesse.

— De quem?

— Do papai. Não quer dizer adeus ao homem que nos matou?